



Conceição Pio: bordando aprendizagens e afetos em um exercício de imortalidade

Conceição Pio: embroidering learning and affection in an exercise of immortality

Sâmya Rodrigues Ramos*

 <https://orcid.org/0009-0006-9818-4902>

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais.” (Rubem Alves).

Conheci Conceição Pio, em 1988, quando ingressei no curso de graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará (UECE). O departamento de Serviço Social da UECE sediava uma oficina regional da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) Nordeste. Eu, estudante do primeiro semestre, ávida para participar consegui uma vaga, junto ao Centro Acadêmico Livre de Serviço Social (CALSS) para acompanhar o evento. Ali iniciava-se uma viagem de muitas estações com essa grande mestra e amiga.

Um sentimento de gratidão me invade por ter a honra de, por duas vezes, celebrá-la, sendo porta-voz de tantas gerações de assistentes sociais que aprenderam o mundo do Serviço Social pela magia da sua dedicação à docência e pela força das suas palavras e ações. Na primeira vez estávamos lado a lado. Foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida. A convite do CRESS-CE em 2012, na comemoração do dia do/a assistente social em maio, fiz um texto sobre sua relevância acadêmico-profissional e li ao seu lado. Quando terminei ela me disse baixinho: “você quer me matar de emoção?”, ao que eu retruquei “você que faz isso comigo” e nos sentamos extremamente emocionadas e de mãos dadas ficamos, como que a agradecer um encontro profissional e afetivo tão único e rico em nossas vidas.

E agora, quando escrevo este texto, não estamos mais juntas fisicamente, mas sigo ligada a ela eternamente, pela gratidão e pelo amor. Não seria a docente que sou hoje sem suas

*Assistente Social. Doutorado em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, Recife, Brasil). Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN, Mossoró, Brasil). E-mail: samyaramos@uern.br

DOI 10.22422/temporalis.2024v24n48p517-522



© A(s) Autora(s)/O(s) Autor(es). 2024 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR), que permite copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material para qualquer fim, mesmo que comercial. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

valiosas contribuições. Foi minha primeira mestra no Serviço Social. E em todo 15 de outubro, dia do/a professor/a, expressava meu sentimento de gratidão eterna.

Na década de 1980, no Curso de Serviço Social da UECE, em sintonia entre a luta docente e do movimento estudantil (ME) por monitoria, conseguimos uma vaga para o curso e, para minha alegria, participei e fui aprovada em Fundamentos do Serviço Social, em um componente curricular sob sua responsabilidade. Iniciava ali uma trajetória de muitas trocas e aprendizagens: sala de aula; iniciação científica e na orientação do trabalho de conclusão de curso. Em diferentes momentos da formação profissional pude observar e aprender com seu compromisso com a socialização do conhecimento, com a defesa intransigente da ética e dos direitos humanos e com a participação nos espaços coletivos da categoria profissional (instâncias no âmbito do departamento de Serviço Social/UECE; CRESS-CE e ABEPSS-NE).

Durante o período da minha graduação (1988/1992) ela foi pró-reitora de assuntos estudantis (PRAE) e eu coordenadora nacional da SESSUNE, hoje Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO). Ali conheci profundamente os valores éticos daquela mestra. A conjuntura da década de 1990 com o avanço do neoliberalismo acarretou implicações na política do Ensino Superior em termos de redução orçamentária e imposição de formas pragmáticas de pensar a educação e a universidade. Nas particularidades de uma instituição estadual, vivenciamos também esta realidade. Sabedora desta difícil conjuntura, Conceição buscava atuar nas contradições, defendendo ampliação da assistência estudantil em uma conjuntura desfavorável.

Apesar de seus esforços, a realidade exigia que o ME se posicionasse e tivemos embates políticos nos quais ficávamos, às vezes, em lados opostos. Nunca renunciou a se conduzir no cargo que ocupava por princípios democráticos e jamais usou de retaliações com estudantes em face das divergências. Após situações políticas de enfrentamento, ela me chamava e dizia: “sua passagem de avião para o ENESS já está comprada”, atendendo demanda relevante para o Movimento Estudantil em Serviço Social. Conhecia e respeitava as divergências políticas, sem jamais confundir embates políticos, encaminhamentos institucionais e afetos.

Conceição teve várias experiências profissionais. Atuou como assistente social da Companhia de Habitação do Estado do Ceará (COHAB); da Companhia Energética do Ceará (COELCE) e da Fundação de Serviço Social de Fortaleza (décadas de 1970 a 1990). Foi professora do curso de Serviço Social da UECE por 38 anos (1974–2012). Indiscutivelmente nesta Instituição como docente constitui seu maior legado para o Serviço Social.

Poucas anotações no quadro, ministrava as aulas de forma substancial, com o conteúdo que deslizava, sem grandes esforços, para coerência com o método crítico dialético. Foi pioneira na articulação do ensino com a pesquisa e uma das primeiras a ser orientadora de iniciação científica no curso. Quando em cargos de gestão na UECE, soube ler as contradições institucionais e agir a favor da luta estudantil. No caldeamento entre experiência, generosidade, retidão e firmeza que formou seu carisma, se tornou orientadora de vidas acadêmicas e até pessoais. Torcia de verdade por suas pupilas, se orgulhava delas, sem deixar de orientar que, ao alçar voos, mantivessem os pés no chão. Ali pela sala da única Diretora mulher do Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESA), ela

acolhia e orientava colegas de diferentes gerações, apoiava as iniciativas que elevavam o curso de Serviço Social na UECE.

Lecionou várias disciplinas, sendo a mais marcante, sem dúvidas, Ética em Serviço Social. Por meio dessa disciplina, ensinou a muitas gerações, a concepção crítica sobre Ética, sua relação com o marxismo e com a agenda em defesa dos direitos humanos. Ademais, refletia com rigor, o significado socio-histórico dos Códigos de ética. Vivíamos um momento de efervescência política e suas aulas se destacavam com salas lotadas de estudantes, em aulas dinâmicas e repletas de reflexões coletivas, sobre o cotidiano profissional, a relação entre moral e ética, a disputa entre projetos societários, a cultura crítica do Serviço Social brasileiro e as contribuições que assistentes sociais poderiam oferecer na direção social dos valores para qualificar as respostas profissionais. Quando cursou o mestrado em Serviço Social na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) elaborou dissertação de mestrado, intitulada Ética e Serviço Social nos caminhos da adoção, defendida em 24 de fevereiro de 2003.

Conceição Pio acompanhou todo o processo do debate ético no Serviço Social brasileiro. Desde o Código de ética de 1975, expressão da ética tradicional ao Código de Ética de 1986, que expressa a ruptura com tradicionalismo ético profissional, no Brasil, que contribuiu para o desenho de uma nova moral fazendo emergir a necessidade quanto ao aprofundamento da questão ética na profissão.

Apesar da sua incontestável relevância, o código de 1986, trazia limites filosóficos, e dificuldades para ser operacionalizado, no cotidiano profissional, dada sua fragilidade, enquanto instrumento normativo, ao apresentar artigos com conteúdo abstrato e, por vezes, ambíguo. Daí a necessidade de revisão e aprofundamento que se processou na perspectiva de manter conquistas e superar as insuficiências presentes.

Assim, no Código de 1993 “o recurso à ontologia social permitiu decodificar eticamente o compromisso com as classes trabalhadoras apontando para sua especificidade no espaço de um Código de Ética: o compromisso com valores referidos à conquista da liberdade” (Barroco, 1996, p.284). No ano passado, em 2023 comemoramos 30 anos de vigência do atual Código de Ética, momento de celebração coletiva

Celebrar os 30 anos do CE vigente é, sobretudo, inscrevê-lo e mantê-lo vivo e pulsante, considerando as conjunturas vividas e sofridas pela categoria profissional, como parte, da classe trabalhadora. Rememorar a efervescência daqueles tempos idos, é ter a certeza na frente e a história na mão. Construímos democraticamente e, em cada canto deste país, um documento que no presente permanece atual, na medida em que, tem sido orientador para o trabalho profissional em direção à defesa de direitos, e, particularmente, na luta por uma sociedade justa, sem opressões e exploração. Acredita-se que a direção ético-política do CE/1993 está sintonizada com as resistências e lutas pela emancipação política e humana da classe trabalhadora. Permanece, desse modo, referência para as novas gerações de assistentes sociais, não somente no Brasil, mas também, na América Latina, levando em conta, as sistemáticas e sólidas interlocuções feitas pelas nossas entidades com as representações dos países latino-americanos (Castilho; Silva; Ramos; Santos, 2023, p. 52).

Enquanto expressão do debate ético profissional, em sua fase mais criticamente desenvolvida, o Código de Ética de 1993 mantém uma nítida relação com a organização política da categoria, fundamental para a manutenção da hegemonia do projeto ético-político.

Hoje como professora de Ética em Serviço Social na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) busco inspiração em seu legado. Após seu falecimento em junho de 2024, ministrei uma aula sobre o Código de ética e dediquei a esta grandiosa mestra. Falei para a turma sobre o quanto Conceição se constituiu grande referência para mim e diferentes gerações de assistentes sociais no Estado do Ceará e além deste, alcançando interações relevantes na região Nordeste. Importante reconhecer, também, como essa profissão nos propicia vivências e encontros que ficam para sempre registrados nas nossas individualidades/subjetividades.

A história da organização política do Serviço Social brasileiro foi e é construída por diversas gerações. Como assevera Agnes Heller (1989) “Somos herdeiros e preservadores da humanidade”. A minha geração herdou diversas lutas das gerações que nos antecederam, a exemplo da geração de Conceição Pio que, participou de diversos momentos relevantes da organização política dessa profissão, como o Congresso da Virada em 1979. Militante do Movimento Estudantil de Serviço Social, no final da década de 1960, uma vez, conversando comigo, chamou atenção para o equívoco da recontagem dos ENESS pós ditadura (1º ENESS em 1978), argumentando com total razão que a geração dela organizava os ENESS desde o sombrio período e que houve um hiato na memória dessa história dos Encontros Nacionais de Estudantes de Serviço Social. Como traduz Mauro Iasi na contracapa do livro Pequena história da ditadura brasileira (1964–1985), publicado em 2014, de autoria de José Paulo Netto,

Já se vão quase três décadas desde que as primeiras luzes de um tardio amanhecer começaram a iluminar a longa noite que sobre nós se abateu. Nossa memória tolhida pelo medo, tangida pelo terror, porém alimentada por nossas convicções e pela força daqueles que souberam honrar a causa de nossa classe, recolhe, por vezes, imprecisa, tudo o que se passou sob aquele manto de trevas [...] e os poderosos procuram usar a desmemória para perpetuar em outra forma a continuidade de seu domínio.

Considerando que a organização política é uma das mediações para a materialização do projeto ético-político da profissão (Ramos, 2005), destaca-se a atuação das entidades representativas dos/as Assistentes Sociais, que imprimem uma dinâmica de debates coletivos e democráticos, a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS); O Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) e a Executiva Nacional dos Estudantes de Serviço Social (ENESSO). A articulação entre essas entidades político-profissionais e a organização dos segmentos docente, profissional e estudantil é referendada como um patrimônio político, historicamente conquistado na profissão, fundamental para a construção do projeto ético-político profissional que adquire maior visibilidade e amadurecimento nos anos de 1990.

Conceição Pio aprendeu e ensinou essa lição, levando para estudantes e profissionais do estado do Ceará a possibilidade de acompanhamento do debate nacional, conectando gerações, esteve presente em vários momentos da nossa organização política da

categoria: desde os eventos estudantis, em plena ditadura civil-militar, como no Congresso da Virada de 1979, nos eventos da ABESS/ABEPSS e nos debates sobre a revisão do currículo pleno em 1982 e do Código de Ética de 1986 e o de 1993. o que expressa a sua dimensão de militante de esquerda e do Serviço Social brasileiro. Conceição Pio foi uma militante dessa organização política da categoria, integrando a ABESS/ABEPSS nas gestões 2005/2006 e 2007/2008 e no âmbito do CRESS-CE — gestões 1972–1975 e 1984–1986. Destaca-se, ainda, sua profícua contribuição como membro da Comissão permanente de Ética do CRESS-CE durante o período de 1990 a 2022 e na presidência do SASEC no período 1978–1981.

Quero concluir essa mulheragem, referindo-me à amiga Conceição Pio. Jamais esquecerei os momentos afetivos que tive a satisfação de compartilhar com ela. Os mais marcantes eram nossas idas à livraria Cultura de Fortaleza. Conversas regadas a café e troca de presentes, quase sempre livros comprados ali para alimentar nossa reflexão crítica sobre a vida; compartilhamento de emoções sobre os seres amados (Carminha, Pituca e Leo, sempre presentes!), trocas sobre os desafios da classe trabalhadora e suas lutas. Lembranças tatuadas em minha memória afetiva de sensíveis encontros com a mestra que aprofundaram os caminhos da nossa amizade. Sinto, como Mario Quintana, que “a amizade é um amor que nunca morre”.

Dentre os seus inúmeros gestos de solidariedade comigo, guardo com emoção sua decisão espontânea de efetuar o pagamento para datilografar minha monografia. Impossível esquecer este gesto e tantas outras iniciativas desta mulher à frente de seu tempo, este ser humano incrível que tinha, como uma de suas marcas, a generosidade.

Por fim, após se aposentar da UECE, o que certamente deixou um vazio enorme na vida daquele curso, decidiu seguir outros caminhos, sendo um muito especial o de aprender a bordar. Presenteou a muitos com sua arte e eu guardo duas preciosidades bordadas por ela em uma camisa e uma toalha. Bordou aprendizagens e grandiosas lições da cultura crítica do Serviço Social em tantas gerações, bordou afetos e sua memória inscrita para sempre: Conceição Pio presente!

Figura 1 – Bordado Dumont por Pio



Fonte: Pio (2017).

Referências

BARROCO, Lúcia. **Ontologia social e reflexão ética**. 1996. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, 1996.

CASTILHO, Daniela; SILVA, Marlise; RAMOS, Sâmya; SANTOS, Silvana. Reflexões sobre o legado dos 30 anos do Código de Ética da/o Assistente Social. **Temporalis**, Brasília, DF, n. 46, jul./dez. 2023. DOI <https://doi.org/10.22422/temporalis.2023v23n46p38-54>

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

IASI, Mauro. Contracapa. In: Netto, José Paulo. **Pequena história da ditadura brasileira (1964-1985)**. São Paulo, Cortez, 2014.

PIO, Maria da Conceição. **Ética e Serviço Social nos caminhos da adoção**. 2003. 119 p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2003. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9970/1/arquivo9295_1.pdf. Acesso em: 20 dez. 2024.

RAMOS, Sâmya R. **A mediação da organização política na (re)construção do projeto profissional: o protagonismo do Conselho Federal de Serviço Social**. 2005. 332 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9640/1/arquivo9013_1.pdf. Acesso em: 20 dez. 2024.

Submetido em: 7/10/2024

Aceito em: 20/11/2024